

O uso das plantas do Brasil a partir dos relatos de Luís Gomes Ferreira contidos no *Erário Mineral* (1735)¹

The use of Brazilian plants based on Luís Gomes Ferreira's accounts in *Erário Mineral* (1735)

Laura Pereira Teixeira LUIZ²

Resumo: O estudo em questão aborda o manual médico *Erário Mineral* (1735), escrito pelo cirurgião português licenciado Luís Gomes Ferreira, que retrata o cenário nosológico de Minas Gerais do século XVIII. É com esse manual que é discutido, de maneira geral, o contexto histórico em que Ferreira atuou, as particularidades da conjuntura local, os desafios e oportunidades que ele encontrou aqui. Outrossim, a partir de uma minuciosa investigação de seus relatos, sobressaem identificados e debatidos: as enfermidades que eram amiudadamente diagnosticadas por ele, quais os tratamentos recomendados, qual era a população mais atingida por essas mazelas, e por fim, quais plantas e ervas foram mobilizadas por Luís Gomes Ferreira no tratamento da população mineira.

Palavras-chave: Século XVIII; Medicamentos; Minas Gerais; Plantas; História.

Abstract: The study in question deals with the medical manual *Erário Mineral* (1735), written by the licensed Portuguese surgeon Luís Gomes Ferreira, which portrays the nosological scenario of Minas Gerais in the 18th century. It is with this manual that I will discuss, in general terms, the historical context in which Ferreira worked, the particularities of the local situation, and the challenges and opportunities he encountered here. Furthermore, based on a thorough investigation of his reports, I will discuss the illnesses that he frequently diagnosed, which treatments were recommended, which population was most affected by these ailments, and finally, which plants and herbs were used by Luís Gomes Ferreira to treat the population of Minas Gerais.

Keywords: 18th century; Medicines; Minas Gerais; Plants; History.

Introdução

De partida, para entender as particularidades das doenças que se fizeram presentes em Minas Gerais do século XVIII, precisa-se visualizar qual era a conjuntura da sociedade nesse período. Dessa forma, as condições de vida precárias dessa população, que convivia em um ambiente inóspito e que carecia de estruturas básicas para sobrevivências, desencadeando diversas moléstias, devem ser destacadas. Isso se deu por diversos motivos, entre eles, o crescimento populacional abrupto que se deu em torno do descobrimento e exploração de ouro naquele território, ou seja, à corrida do ouro resultou em uma alta densidade demográfica, levando a superlotação de áreas urbanas que não possuíam a infraestrutura básica necessária – aqui falamos de uma falta de tratamento da água utilizada, a escassez de redes de esgoto para o escoamento do lixo, a questão do meio urbano que, apresentava “construções muito próximas

² Graduanda no curso de Bacharelado e Licenciatura em História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Franca.

umas das outras, as ruas eram muito estreitas, sem pavimentação, ficando constantemente empoeiradas na época das secas, e nas chuvas tornando-se lamacentas” (Furtado, 2002, p. 17), além dessa questão, das habitações que eram feitas de pau e barro, o que era prejudicial a estrutura dessas casas, causando transtornos para os moradores. Por fim, destaco as crises de fome que a comunidade mineira enfrentou nessa época. – para abarcar o desenvolvimento desordenado das cidades e da população. Sendo assim, as pessoas realizavam a eliminação e o escoamento de resíduos de forma inadequada, muitas vezes lançava resíduos diretamente nos rios – uma cruel realidade das cidades maiores do país, contudo, algo que é notório de outros países também –, esses que eram fonte de água para consumo, por consequência disso, a higiene pessoal da população não era realizada de maneira apropriada.

Ademais, algo que se fez presente aqui foi o abandono de animais e do lixo e o esgoto que se acumulava nas ruas e contribui para que a vida fosse insalubre (Furtado, 2002, p. 18). Utilizamos alguns estudos para concluirmos sobre esses fatores, e um deles foi um artigo da historiadora Roberta Stumpf, que apresenta dados essenciais para essa pesquisa dentro da demografia de Minas no século XVIII. Ela pontua que em “1710 a 1742, a população em Minas cresceu 623%” e que “entre 1710 e 1776, o aumento foi cerca de 1.000%”, isso tudo devido ao auge da produção aurífera. Coloco aqui uma tabela, retirada do Arquivo Público Mineiro, para evidenciar a questão citada referente ao crescimento da população mineira devido a corrida aurífera:

Figura 1 – Crescimento populacional – Capitania de Minas Gerais e Brasil (1776-1821)
Crescimento populacional
Capitania de Minas Gerais e Brasil – 1776-1821

Anos	Minas Gerais		Brasil		Participação de Minas Gerais no total da população do Brasil (%)
	População (habitantes)	Crescimento anual da população (%)	População (habitantes)	Crescimento anual da população (%)	
1776	319.769	-	1.426.965	-	22,4
1786	393.968	2,1	1.726.940	1,9	22,8
1805	407.504	0,2	2.308.304	1,5	17,7
1808	433.049	2,0	2.424.463	1,7	17,9
1821	514.038	1,3	3.235.549	2,2	15,9
Δ 1776-1821 (%)	60,7	1,1	126,7	1,8	16,6

Fonte: AHU / MG – Cx: 112, Doc: 11; Eschwege (1899, p. 774); *Revista do Arquivo Público Mineiro* (1899, p. 294-296); Botelho (2013).

Fonte: AHU/MG - Cx: 112, Doc:11, Eschwege (1899, p. 774); *Revista do Arquivo Público Mineiro* (1899, p. 294-296); Botelho (2013).

Outrossim, a população escravizada, que aqui era maioria em decorrência a exploração nas minas, foi colocada em situações de trabalho, somadas às agruras do próprio sistema

escravista, insalubres, vivia mergulhada nos rios, sua jornada de trabalho era longa, árdua e muitas vezes perigosa, sua moradia era precária e desconfortável; sua vestimenta, insuficiente, inadequada e imunda (Eugênio, 2015, p. 883). Do mesmo modo, esse território foi ameaçado pela aguda falta de gêneros alimentícios e por muitos conflitos, acirrados pelo repentino conglomerado de advéncios (Dias, 2002, p. 46) enfrentando, durante 1698 e 1705 duras crises de fome. Portanto, é justamente nessa conjuntura melindrosa que a propagação de enfermidades será favorável, e, com isso, observa-se que à busca pelo ouro, colaborou para que esse espaço se tornasse, também, um local privilegiado de observação (e disseminação) das doenças. (Gomes, 2022, p. 38). Novamente trago aqui uma tabela, também do Arquivo Público Mineiro, de suma relevância para a pesquisa e para diagnosticar, não só o crescimento populacional, mas, também, quem compunha a maioria dessa população mineira da época:

Figura 2 – População, por gênero, segundo cor - Capitania de Minas Gerais e Brasil (1776-1821)

Cor	Homens		Mulheres		Razão de sexo (f)	Total	
	N	%	N	%		N	%
1776							
Branços	41.677	13,0	28.987	9,06	143,78	70.664	18,88
Pardos (2)	40.793	12,8	41.317	12,92	98,73	82.110	25,67
Pretos	117.171	36,6	49.824	15,58	235,16	166.995	53,33
Total	199.641	62,4	120.128	37,6	166,19	319.769	100,00
1821							
Branços	70.262	13,7	60.785	11,82	115,59	131.047	25,49
Mulatos	81.964	15,9	89.578	17,42	91,5	171.542	33,36
Pretos	129.408	25,2	82.041	15,95	157,73	211.449	41,14
Total	281.634	54,8	232.404	45,2	121,18	514.038	100,00

Fonte: AHU/MG - *Revista do Arquivo Público Mineiro*; Botelho (2013).

Por isso, salientar qual era a parcela da população mais afetada pelas enfermidades, os negros escravizados que compunham grande parte da sociedade mineira³, e torná-los objeto de estudo, nos pareceu fundamental. O trabalho escravizado, em virtude da descoberta das jazidas de ouro, obteve uma reivindicação excessiva e as circunstâncias nas quais esses indivíduos se encontravam, especialmente dentro das minas, era nocivo e deletério. Verifica-se, então, que grande parte das mazelas dos cativos podia ser debitada à natureza da atividade mineradora, que obrigava os escravos a passarem muitas horas dentro da água ou no subsolo, além dos muitos acidentes que ocorriam por causa de deslizamentos ou inundações.

Portanto, é nesse sentido e a partir desse contexto, em conjunto a outros fatores de que trataremos a seguir, que a figura de Luís Gomes Ferreira e seu manual de medicina *Erário Mineral* se fez importante, e é a partir dele que interrogamos: como Luís Gomes Ferreira, um cirurgião licenciado e com experiência em hospitais em Lisboa, mobilizou recursos da flora brasileira, até então, em sua maioria, desconhecidos por ele, para tratar as doenças mais comuns

na área das Minas Gerais? Ou ainda, de que forma seu conhecimento de medicina adaptou-se ao cenário conturbado mineiro, para atalhar e tratar as enfermidades presentes, que eram prevalentes entre os escravizados?

Luís Gomes Ferreira foi um cirurgião português que esteve em Minas Gerais, como ele próprio revela, durante vinte anos na primeira metade do século XVIII. O português nasceu em S. Pedro de Rates, junto a Barcelos, no Minho. Aprendeu a arte de cirurgião-barbeiro com Francisco dos Santos, cirurgião da enfermaria Real de Dom Pedro em Lisboa, tendo completado a sua formação no Hospital Real de Todos-os-Santos (Gonçalves, 2000, p. 49). Segundo a historiadora Maria Filomena Gonçalves, ele esteve durante um tempo “na Índia” e pôde conhecer produtos naturais e plantas do local que eram destinados e apropriados para o procedimento de cura das divergentes doenças. Foi a partir de 1707 que Gomes Ferreira empreendeu uma jornada a colônia portuguesa nas Américas, sua permanência foi marcada por idas e vindas em constantes deslocamentos (Furtado, 2002, p. 08), estando presente, previamente, na Bahia, onde exerceu sua função como cirurgião, e posteriormente, já interessado na exploração aurífera, aportou em Minas Gerais, onde grandes possibilidades se abriam aos homens aventureiros (Furtado, 2002, p. 10), e, mesmo tendo se instalado na capitania, mudou-se constantemente, em busca de novas oportunidades e ganhos (Furtado, 2002, p. 13).

A obra *Erário Mineral*, documentação principal da nossa análise, foi editada e publicada em Lisboa no ano de 1735, visando analisar o cenário nosológico das Minas Gerais do século XVIII e os diversos fatores que levaram à proliferação de doenças nessa região a partir dos relatos que constituem o tratado. O manual que a pesquisa se debruça foi um dos primeiros na área da medicina brasileira a ser escrito em língua portuguesa, demorando menos de um ano para ser redigido pelo cirurgião. O livro se divide em doze tratados em que cada um aborda sobre alguma patologia que se fazia presente na época. Conforme abordado acima, a primeira edição do *Erário Mineral* foi publicada em 1735 em Lisboa, e na ciência médica erudita da época, seu livro, em geral, não alcançou grande repercussão pois tratava-se de conselhos práticos, pertinentes a uma medicina caseira, baseada ainda na doutrina galênica que vinha sendo questionada pela ciência médica, que procurava estruturar em bases cada vez mais racionais (Furtado, 2002, p. 26), entretanto, em Minas Gerais, obteve em partes algum sucesso de vendas (Furtado, 2002, p. 26). A obra passou por algumas reedições, como em 1755 realizada pelo próprio autor e em 2002, sendo organizada pela historiadora Júnia Ferreira Furtado e seccionada em dois volumes, além de contar com cinco estudos críticos que procuraram desvelar distintas nuances do *Erário Mineral*.

Para tanto, a partir da leitura da obra, reunimos todas as menções às doenças que ele relatou como particulares das Gerais, bem como os tratamentos que ele apontou como eficazes, e, com isso, conseguimos tabelar as plantas utilizadas nesse processo. Desse modo, é importante ressaltar que nossa pesquisa parte então dos relatos e das narrativas elaboradas pelo cirurgião, analisando de onde elas partem e suas conjunturas, tendo em vista o caráter parcial e lacunar (Veyne, 1998, p.26) inerente aos documentos. Em outros termos, procuramos trabalhar dentro da perspectiva de Luís Gomes Ferreira as diversas aflições que se fizeram presentes na capitania de Minas Gerais durante o período aqui trabalhado, que vão além das enfermidades e das plantas que ele utilizou para a cura, trazendo observações sobre o trabalho escravizado e o contexto da mineração, ajudando a construir o que compreendemos dessa época.

Doenças que mais afetavam as populações das Minas

As doenças possuem *história* e pertencem a um tempo histórico; quer dizer, a identificação, descrição e entendimento dos males têm historicidade e precisam ser compreendidos em contextos e sob prismas específicos. Nas palavras do historiador Jacques Le Goff, “a doença pertence à história, em primeiro lugar, porque não é mais do que uma ideia, um certo abstracto numa complexa realidade empírica, e porque as doenças são mortais”. Essas moléstias, sublinha Isaac Badinelli, “pertencem ao seu tempo histórico, e tem ligação direta com instituições, representações e mentalidades” (Badinelli, 2014, p. 01). Assim, “não é possível pensar a história da medicina, douta ou popular, em qualquer momento histórico sem considerar as particularidades do tempo e do espaço.” (Badinelli, 2014, p. 01).

Em sua obra, Luís Gomes Ferreira apresenta inúmeras moléstias, e com isso, ele dividiu o manual em 12 tratados principais, e inicia com as pontadas pleuríticas, no qual escreveu vinte e um capítulos apenas para elas, que, segundo ele essa “enfermidade é o flagelo que mais tem destroçado os mineiros destas Minas.” (Ferreira, 2002, p. 229). Mas o que caracterizariam essas pontadas? De acordo com o cirurgião:

As pontadas lhes procedem, umas vezes, por causa de grande enchimento de humores frios em todo o corpo, que é o mais comum; outras vezes, por causa de resfriamentos e constipação dos poros fechados; outras, por causa da circulação do sangue e mais líquidos se retardarem e andar mais vagarosa do que convém, ou estar quase parada; outras vezes, por causa de alguma obstrução, ou também por causa de grandes frios que hajam neste tempo; e muito poucas vezes sucederá haver pontada por causa de abundância de sangue (Ferreira, 2002, p. 239).

As pontadas afetavam os pulmões desses indivíduos, e para o autor, um dos principais fatores para essa patologia causar tantas complicações nesse ambiente era o clima da região – visão advinda da medicina hipocrático-galênica, que abordaremos posteriormente. O clima das Minas, segundo Ferreira, era completamente diferente do de outras localidades, sendo “o ar dessas Minas é muito frio e penetrativo” (Ferreira, 2002, p. 546). Contudo, algo que se observa nessa conjuntura é como esses achaques pulmonares eram os mais mortais da região, especialmente em relação às pessoas pretas que estavam constantemente em locais úmidos e frios, ou seja, além do clima que era diferente, o cirurgião enxerga também a problemática das condições de habitação e subsistência desse grupo, que era algo que colocava ainda mais eles em risco e em situação de vulnerabilidade para contrair esse tipo de enfermidade.

Não só o clima é diferente, mas a causa das enfermidades e os humores que as produzem, por razão dos mantimentos e habitação em que assistem e se exercitam, assim os pretos como os brancos: os pretos, porque uns habitam dentro da água, como são os mineiros que mineram nas partes baixas da terra e veios dela, outros feitos toupeiras, minerando por baixo da terra, uns em altura, de fundo, cinqüenta, oitenta e mais de cem palmos, outros pelo comprimento em estradas subterrâneas muitos mais, que muitas vezes chegam a seiscentos e a setecentos; lá trabalham, lá comem e lá dormem muitas vezes, e como estes, quando trabalham, andam banhados em suor, com os pés sempre em terra fria, pedras e água, e, quando descansam ou comem, se lhes constipam os poros e se resfriam de tal modo que daí se lhes originam várias enfermidades perigosas, como são pleurises apertadíssimas, estupores, paralisias, convulsões, peripneumonias e outras muitas doenças (Ferreira, 2002, p. 229-30).

Outra doença muito comum, que se caracterizava por problemas gástricos, eram os enchimentos. Ele informa que os enchimentos são a complicação que mais ordinariamente e mais vezes é causa de pontadas. Esse achaque se dá pela má alimentação da população, especialmente os pretos, estando associado, também, a como o alimento era preparado. Como já exposto aqui, Minas enfrentou algumas crises de fome, mas além disso, é notório que o comer nessa região se deu de forma simples, e por algo de hábito, ainda mais que a região era pobre. O sustento dos escravizados, por exemplo, no geral, era feijão, toucinho (alimento bem gorduroso) e angu, o que fazia a comida ficar mais pesada e difícil de processar, o que resultava em irregularidades gástricas, como gastrites e refluxos, e “possivelmente, foi esse tipo de alimentação, preparada com gordura de porco extraída do toucinho, a maior responsável pelos malefícios dos estômagos dos mineiros” (Eugênio, 2012, p.10). Ferreira demonstra os sinais que os enchimentos apresentavam, sendo eles os “amargores na boca, fastio ou pouca vontade de comer, e o comer mal saboroso, ou não doce, como dizem os pretos, vontade de vomitar, ou

vômitos, e o estômago duro, ou cheio” (Ferreira, 2002, p. 234) e como forma de auxiliar o reconhecimento dispõe a seguinte orientação:

O doente em jejum e deitado de costas com os pés encolhidos, carregando-lhe com os dedos, brandamente, na boca do estômago, se se doer dele, ou seja, na boca, ou em algum lado, torcendo-se o doente e mostrando sentimento com alguns dos mais sinais, não teremos dúvida alguma em que a pontada procede do dito enchimento (Ferreira, 2002, p. 234).

Observa-se a presença do que conhecemos hoje como parasitoses nas Minas, especialmente a ascaridíase ou, lombrigas que desenvolvia a partir “dos humores corruptos que procedem dos maus cozimentos, e deles, corruptos, se gera grande cópia deles” (Ferreira, 2022, p. 240). A contextualização do cenário sanitário de Minas realizada aqui neste trabalho é de extrema importância para entendermos e visualizarmos os motivos que auxiliaram a propagação de enfermidades como as parasitoses que, claramente estão relacionadas a questões de assepsia e higiene, que, como já dito, era algo que carecia no local. “As casas não possuíam banheiro, nem água potável e, naquele tempo, ainda não existia sistema de esgotos eficaz na maior parte do mundo” (Eugênio, 2012, p.10), e isso contribuiu para que as lombrigas fossem abundantes, segundo o cirurgião, tanto na população branca mais pobre quanto em relação a população preta e escravizada. Dessa maneira, essa doença parasitária causou um grande impacto nos mineiros, “cujos costumes e limitações estruturais da vida material favoreciam a reprodução de parasitoses, que se alojam inicialmente nos intestinos, até proliferarem de maneira a entupir o seu hospedeiro, lançando-se não raramente por sua boca, matando-o por asfixia.” (Eugênio, 2012, p.11).

Por fim, no que diz respeito às doenças mais comuns nas Minas, segundo o *Erário Mineral*, temos as obstruções, que ele dedica um tratado inteiro a elas. Essa corresponde a um achaque que causava bloqueios no fluxo sanguíneo dos vasos localizados no fígado, baço e mesentério, causados por líquidos corporais alterados, principalmente devido ao consumo de bebidas alcoólicas. E mais uma vez o autor do manual destaca de que forma o enfermo conseguiria identificar se possuía alguma obstrução, segundo ele se conhecerá estando o doente em jejum, e, deitado de costas com os pés encolhidos, se lhe carregará brandamente com os dedos de ambas as mãos da parte direita, naquele vão que medeia entre as costelas mendasas e o estômago, de maneira que achando-se naquela parte dureza e dor, não teremos dúvida de que o fígado está obstruído (Ferreira, 2002, p. 282).

Ponto notável na obra é a repulsa de Luís Gomes Ferreira em relação a aguardente de cana em excesso, “segundo as minhas observações, e a experiência me tem mostrado em todo

o tempo que tenho assistido nestas Minas, não há coisa alguma nelas que seja mais prejudicial à saúde, assim de pretos, como de brancos, como é a dita aguardente” (Ferreira, 2002, p. 661), ele até chega a utilizá-la para alguns tratamentos que veremos posteriormente, contudo, ele sinaliza diversas vezes as complicações advindas dessa bebida. De acordo com ele, as obstruções são muito comuns nessa localidade devido a esse uso excessivo de aguardente de cana, principalmente realizado pelos pretos, pois era um escape para a árdua vida na qual eles se encontravam e também, auxiliava a esquentar o corpo devido ao clima frio.

Essas eram as enfermidades que, nas observações de Ferreira, mais se fizeram presentes em Minas Gerais do século XVIII, as mais graves e que mais afetavam a comunidade, todavia, encontramos no *Erário* outras doenças. Vejamos algumas delas. No que diz respeito ao tratado IV, o cirurgião traça sobre as deslocções e as fraturas, que eram recorrentes aqui devido a atividade aurífera, em que os acidentes se faziam amiudados. “Deslocação é aquela que se faz quando algum osso de nosso corpo se decompõe e sai fora do seu lugar, de sorte que priva o movimento daquele membro, causada por alguma caída de alto, força ou pancada, o que se conhece porque não haverá movimento no tal membro e haverá grandes dores na tal junta, com inchação, mais ou menos, conforme o tempo que houver passado e estiver o corpo do tal enfermo, mais bem ou mal acompleteado de humores” (Ferreira, 2002, p. 447). Já as fraturas, para o autor são “as quebraduras dos ossos de nosso corpo, as quais podem acontecer em qualquer deles, mas as que mais comumente sucedem são em pernas ou braços, e algumas em costelas, e nos ossos chamados da fúrcula, que são aqueles que vão do ombro para o pescoço e para a parte dianteira, a modo de travessas” (Ferreira, 2002, p. 462). Ademais, uma das enfermidades que possui correlação com a mineração era a cangalha ou a camba – moléstia particular dos pretos – refere-se a uma doença óssea que impede os movimentos coordenados dos pés, pernas, braços e mãos. Gomes Ferreira dá um nome para ela: “convulsão por causa fria” (Ferreira, 2002, p. 578 – 579). E por conta dos acidentes, quedas, entre outros, Ferreira destaca a presença de feridas, especialmente nos pretos.

Afecções cutâneas também eram extremamente prevalentes entre essa população, especialmente nos indivíduos submetidos ao cativeiro. As precárias condições de higiene, a escassez de vestimentas disponíveis, a insuficiência nutricional e o contato intenso entre si tornavam seus corpos mais suscetíveis a inúmeras dermatoses. Sendo uma delas, os formigueiros, que “foi um dos maiores tormentos dos mineiros” (Eugênio, p. 18). No tratado VII, dedicado aos formigueiros, o cirurgião busca distinguir esse achaque “muito ordinário nestas Minas” (Ferreira, 2002, p. 567), dessa forma, tem aqueles que nascem nas solas dos pés – (mais comum nos pretos) – e “outros há que nascem nos braços, mãos e pernas” – tanto nos

pretos quanto nos brancos – (Ferreira, 2002, p. 567). Outra que o autor cita é a erisipela (citada no tratado III).

Além disso tudo, Gomes Ferreira vai destacar sobre a corrupção-do-bicho que é “uma largueza e relaxação do intestino reto e seus músculos, ou, por outro nome se chama o sesso, mais ou menos largo; e, segundo a maior ou menor largueza, assim será a maior ou menor corrupção” (Ferreira, 2002, p. 635). Para o autor, as etiologias desta enfermidade são um calor extraordinário que aquela região adquire, seja por uma estação extremamente cálida ou por se tratar de uma localidade de clima tórrido, como os Brasis, seja pela insuficiência de higiene na área afetada, com prolongados períodos sem banhos, seja pela presença de febres não tratadas adequadamente, quando os banhos se tornam ainda mais essenciais, ou devido à negligência na higiene de indivíduos com fluxos corporais, sendo imprescindíveis os banhos para lavar e refrescar a área afetada. Essas condições causam o relaxamento dos músculos daquela região, levando à sua dilatação, que pode variar em grau, e, se não houver intervenção cuidadosa para remediar tal dilatação, em poucos dias, pode resultar em óbito. O enfermo apresenta dores nas costas e na cabeça, com febre, podendo ser mais branda ou acentuada.

Seguimos agora no tratado IX com os resfriamentos, esse achaque “é uma constipação dos poros do corpo humano e uma quase estagnação, ou constipação, dos humores e circulação deles, parada mais ou menos, o que acontece pelas causas seguintes.” (Ferreira, 2002, p. 652). Ferreira segue descrevendo as causas e os sinais do resfriamento, irei pontuar alguns. No geral, se o indivíduo estiver com o corpo quente e, por alguma razão, tomar friagem ou entrar em águas frias, possivelmente irá contrair a enfermidade. Já os sintomas, resumidamente se apresentam de diversas maneiras, incluindo febre de intensidade variável, grande fadiga com espreguiçamentos e falta de apetite, dores corporais, especialmente nas costas, e tremores de frio. Em casos de forte resfriamento, os pacientes terão dificuldade em mover os braços e as pernas devido à sensação de peso. As veias estarão retraídas e as artérias com pulso fraco ou quase ausente, tanto nos pulsos quanto em outras partes do corpo, e às vezes acompanhadas de febre intensa. (Ferreira, 2002, p. 653). No tratado XI, veremos sobre os venenos e mordeduras (venenosas) que acabavam prejudicando os moradores da região diversas vezes. O tratado seguinte, XII, examina sobre o escorbuto ou “mal de Luanda”, que assola “pretos e brancos” (Ferreira, 2002, p. 689).

O escorbuto era uma enfermidade já conhecida e que desde seu descobrimento foi temida por ser muito violenta e abrasiva e apresentar diversos sintomas nos quais seriam capazes de enganar os médicos, além de que, até então, não possuía uma forma de tratamento eficaz, tanto que em seu tratado, Luís Gomes Ferreira enaltece e reconhece a importância da

invenção do remédio para esse mal feita por João Cardoso de Miranda⁴ – cirurgião português, além disso, ele destaca obteve sucesso ao utilizar tal medicação, que iremos abordar posteriormente. “São os sintomas desta enfermidade tantos e tão vários que mal se podem definir. Primeiramente se acham disenterias, diarreias, caquexias, hidropisias, pleurises, legítimos e notos, tosses, corrimentos, encolhimentos de nervos, coagulações em várias partes do corpo, apostemas de matéria quente e fria, opilações de humores, crassos e viscosos, héticas, dores nas cadeiras e em todas as juntas, icterícias, morféias; e, em conclusão, todos os sinais que podem produzir as mais enfermidades a que o corpo humano está sujeito se acham nesta infecção” (Ferreira, 2002, p. 692 – 693), e, além disso, encontram-se nesses pacientes diversas chagas e feridas sujas, infeccionadas e de diferentes tipos, como também, principalmente nos brancos, nota-se que as gengivas apresentam úlceras de cor arroxeadas e odor desagradável, e pelo corpo há várias manchas de diferentes cores, especialmente azuladas, amareladas e escuras.

Outras pestilências que Gomes Ferreira traz em seu tratado são as infecções sexualmente transmissíveis (IST) – termo cunhado atualmente –, ou doenças venéreas, na época, conhecida como “mulas, boubas, gonorreias ou males gálicos” (Eugênio, p. 16). Nos fulcros mineradores, em tempos áureos da extração de riquezas terrenas, um desequilíbrio colossal se descortinava entre a população masculina e feminina, livres e cativas. Impulsionada pelo pulsar da vida urbana, a oferta de favores venéreos se vulgarizou, tornando-se acessível aos mais diversos. Proprietários de cativos, em sua ânsia por lucros desmedidos, submetiam seus escravos a tal mister, enquanto algumas mulheres negras, em busca de mitigar as agruras da vida, entregavam seus corpos ao méter da carne, completando assim a jornada exaustiva do trabalho. As boubas, por exemplo, “costumam nascer pela maior parte na cara e junto ao nariz, atrás das orelhas, nos sovacos dos braços e nas virilhas, e algumas vezes nas partes vergonhosas, e também algumas por outras partes do corpo” (Ferreira, 2002, p. 540-1).

Para finalizar, evidencio mais algumas enfermidades que Ferreira traz, como a gota serena, que atualmente, é do nosso conhecimento que é ocasionada pela falta de vitamina A, “esta enfermidade é uma falta na vista, [...] e é muito comum nos pretos destas Minas” (Ferreira, 2002, p. 606). Nos deparamos também com os cursos de sangue, ou disenteria, que se tratavam de movimentos intestinais frequentes com fezes misturadas com sangue e intensas dores abdominais. Cito também o Fleimão, edemas, cirro, carbúnculo ou antraz, sezões ou maleitas (malária), cancro mole, estupor ou paresia, roturas ou quebrasuras (hérnia), bócio, albugo, névoa, leucoma, oftalmia, bicheira, bexigas (varíola) e sarampo.

Com isso, o que podemos concluir é que a maioria das doenças que se manifestaram nas Minas dessa época deriva das péssimas condições de vida que a população se encontrava, fosse em relação a moradia, alimentação – essa que apresenta uma correlação entre seus hábitos com o surgimento de enfermidades, de forma imediata e inquestionável –, ingestão de água imprópria para consumo, falta de roupas adequadas, mas também a falta de estruturas básicas para a subsistência dos mineiros, sobretudo, os escravizados e os mais pobres que sempre careciam desses itens indispensáveis para uma sobrevivência e vivência digna.

Curas empenhadas por Luís Gomes Ferreira para o tratamento dos males mineiros

Para tratar as moléstias que identificou nas Minas, Luís Gomes Ferreira destaca uma série de compostos medicamentos que seriam úteis, recomendados ou rejeitados em seu *Erário Mineral*. Assim como as patologias, são inúmeras receitas mobilizadas pelo cirurgião, com mais de 50 medicamentos desenvolvidos por ele. Dessa maneira, na obra, observa-se a utilização de uma variedade de métodos terapêuticos, incluindo emplastos, pomadas, xaropes, pílulas, unguentos, colírios, sangrias e purgas, entre outras numerosas técnicas destinadas a tratar os enfermos nas regiões por ele percorridas, mesclando a utilização de alguns químicos e os naturais. As plantas empregadas pelo autor são destacadas na obra, sendo utilizadas em sua totalidade – casca, raiz, folha, fruto e semente, que iremos demonstrar e estabelecer posteriormente. É evidente que o cirurgião opera a partir de seus conhecimentos adquiridos nos anos que estudou e esteve no Hospital Real de Todos-os-Santos, em conjunto da experiência, da observação, ou seja, do conhecimento empírico, pois ele argumenta que a prática era a base fundamental da medicina e da cirurgia.

Concomitantemente a isso, ele parte dos pressupostos da medicina hipocrático-galênica, ou, *medicina humoral*, que, de forma resumida, acreditava na existência de humores básicos que, em desequilíbrio, causavam alguma mazela. “O sangue, a fleuma, a bÍlis negra e a bÍlis amarela” (Badinelli, 2014, p. 06), compunham esses humores e eles possuíam alguns traços próprios, “o sangue se apresentava como quente e úmido, a fleuma como fria e úmida, a bÍlis amarela como quente e seca, e a bÍlis negra como fria e seca” (Badinelli, 2014, p. 06). Sendo assim percebe-se como essa teoria estava evidente nas composições terapêuticas destinadas à cura no *Erário Mineral*.

Começaremos então, pela cura em relação às pontadas pleuríticas. Gomes Ferreira então desenvolveu algumas prescrições, uma delas um emplasto, singular, de erva santa maria, deveria prosseguir então da seguinte forma,

tomem uma mão cheia de folhas de erva-de-santa-maria e outra de cabeças de mentrastos, pise-se tudo, e, pisado, se meta em um saquinho de pano de linho, cosida a boca do saco, se lance em um tacho seco, o qual se porá em cima de fogo brando, e tanto que for aquecendo, se irá borrifando o dito saco com aguardente do Reino, da melhor que houver de modo que fique bem molhado; então se tirará, e, compostas as ervas, se porá em cima da pontada com a quentura que puder sofrer e se ligará com sua atadura larga, que fique o emplasto bem seguro na parte, de um enfermo s e curou de reumatismo, não o sendo, e morreu na má cura purga de resina com alexifármacos contra lombrigas emplasto singularíssimo para pontadas, invento do autor tal modo que, por nenhum caso, se mude, que será de maior dano; porque, como este emplasto é quente, com a quentura abre os poros e faz suar aquela parte (Ferreira, 2002, p. 242 – 243).

Outrossim, desenvolveu o emplasto de farelos de milho grosso e de alecrim devido a possível falta das ervas em tempos de seca. Saliento uma outra receita que envolve “açafão, sal de tártaro, água essencial de raiz de bardana e xarope de mucilagens de sementes de linho” (Ferreira, 2002, p. 275 – 276). Ademais, indica tomar diaforético⁵ ou sudorífico feito de poejos fervidos em água, também aponta para uma água cozida com raiz de capeba e de butua, que segundo ele, “ficará uma bebida vulnerária e descoagulante muito admirável para fazer abrir as vias e os canais, promovendo os humores” (Ferreira, 2002, p. 252). Enfim, essas são algumas das prescrições que o cirurgião angariou para tratar as pontadas. Dessa maneira podemos enxergar aqui o vasto conhecimento das propriedades que esses recursos naturais apresentavam que o cirurgião possuía advindos das suas observações e da experiência desenvolvida nessa região, onde buscou promover a saúde integral do paciente, através de um tratamento que contemple os sintomas e o bem-estar geral de forma integrada e multifacetada.

Em relação às doenças então conhecidas, como pleurises e peripneumonias⁶, utilizava-se “cevada cozida, em cuja água resultante do cozimento se acrescenta cascas de raiz de bardana piladas e um punhado de flores de papoulas, tudo novamente fervido em um quarto de hora e depois adicionado de esterco fresco de cavalo. Duas horas após essa adição, a solução devia ser coada e mistura de pó de coral.” (Eugênio, 2012, p. 09). Os enchimentos, no geral, resolveriam tomando vomitórios e purgativos, por exemplo, recorreu-se a vomitórios de tártaro emético⁷.

No que se refere às verminoses ou lombrigas, ele concebeu uma miríade de medicamentos, um deles, de invento do autor e que teve sucesso, é o sumo de erva-de-santa-maria junto a três limões azedos e uma colher de azeite-de-mamona, com vinagre forte e uma dedada de pó de açafão, ou de tabaco, tudo bem mexido e morno, e antes de tomar a mezinha, deve comer uma colher de açúcar, porém, deve-se tomar sem sentir o cheiro do medicamento (Ferreira, 2002, p. 236). Além disso, poderia acrescentar a essas mezinhas o vinagre forte e fel

de vaca ou boi para uma maior eficácia. Semente de Alexandria⁸ junto a grãos de calomelanos⁹ turquescos e sumo de hortelã, resina de batata, água de azougue vivo, a amêndoa da fruta do angelim e sua casca também são ótimos remédios para as lombrigas (Ferreira, 2002, p. 237). Contudo, ele retrata, em suas palavras, o melhor remédio que ele criou para essas moléstias, que consistia em uma raiz de fedegoso macerada em conjunto a água morna, que, após moída, deveria ser coada em um pano, e o líquido que sair deve misturar ao sumo de erva-de-santa-maria, vinagre forte e grãos de calomelanos turquescos, ingerindo em primeiro lugar o açúcar para depois, com o nariz tampado, ingerir a mezinha. Se o caso for grave, além de tomar o medicamento deveria aplicar, ao mesmo tempo, um emplasto de erva-de-santa-maria com hortelã, fel de boi e vinagre forte, tudo quente, em cima do umbigo. Ao fazer tudo isso, seria infalível, o enfermo iria expelir as verminoses que estivesse em seu corpo (Ferreira, 2002, p. 238 – 239). É preciso pontuar que algumas dessas curas eram advindas de substâncias químicas, como os calomelanos, pós de bismuto e o tártaro emético.

Ainda no rol das curas para as moléstias mais comuns nessas minas, temos as obstruções. Ele discorre primeiramente sobre as obstruções no fígado, essa que era suscetível à reabilitação por meio de diversos fármacos, sendo vomitórios de tártaro emético, purgativos, raiz de capeba com salsa, raízes de artemisia¹⁰ e de funcho juntas a água quente, que após ferver, deveria ser coada e juntadas a açúcar. Oximel¹¹ também era uma mistura que auxiliava com as obstruções. Outra junção era algumas folhas de salsa fresca, de funcho, de aipo com sumos da raiz de salsa e de lírio, sumo de cebola branca, banha de porco sem sal, óleo de lírio fervidos formavam um lenimento. E, não podemos deixar de fora um remédio excelente de invento dele composto de folha de picão, ou carrapicho, cebolas brancas, banha de porco sem sal, óleo de lírio, que deveria ser fervido e coado. No tocante às obstruções do baço e do mesentério, Gomes Ferreira indica utilizar as mesmas raízes das obstruções hepáticas, adicionando mais de capeba e mel de pau, tomando a mezinha quente. Os vomitórios de tártaro podem ser aplicados aqui e as purgas devem apresentar maior intensidade em comparação com as do fígado.

Quanto às deslocções e fraturas ocasionadas pelos acidentes assíduos nas minas, ele lança mão de alguns emplastos, e destaca a importância de “aparelhar os panos, ataduras, aguardente, emplastos e talas” (Ferreira, 2002, p. 447) para o enfermo. Um dos emplastos era a combinação de terebintina, pós de bisma, incenso, mirra, sangue-de-dragão e almécega¹². Contudo, ele identificou um emplasto mais simples e que seria de mais sucesso que os outros, seria óleo de embaúba com aguardente do Reino, sendo fervido em fogo brando formando uma massa até a deslocção reduzir, e após isso, pulverizará com pós de breu, incenso, almécega e mirra. “Este emplasto é melhor que todos os outros” (Ferreira, 2002, p. 448). Outrossim,

utilizou, em inúmeros casos, emplastos feitos com farinha de trigo e aguardente posta ainda quente na contusão (Eugênio, 2012, p. 15), e também deu importância para o emplasto de embaúba. Gomes Ferreira faz uma observação sobre a utilização das claras de ovos nas quebras, que não eram eficazes nesses casos por serem frias. A aguardente para esses casos servia, não apenas para curar as feridas, mas também para evitar a gangrena e herpes. Também saliento o uso do espírito de vitrolo sobre o ferimento, que consistiria em uma variedade de sal mineral, antes de se aplicar os emplastos elaborados pelo cirurgião. E por fim, algumas feridas que eram causadas por algum tipo de queda ou colisões, era recomendado utilizar tecidos embebidos em aguardente do Reino e pós obtidos das cascas de ovos.

Em relação aos formigueiros, poderia se utilizar ovo batido com azeite, no caso de comprometerem os braços e as pernas e nas solas dos pés, procedia da seguinte maneira:

faça-se um buraco na terra junto ao fogão, que seja redondo, fundo e estreito, e nele se lancem brasas de fogo e, em cima delas, bosta de boi seca, e os pés que tiverem formigueiros se porão com os buracos em cima do tal buraco, tomando aqueles defumadouros, que será por um quarto de hora, acendendo as brasas e botando bosta para fazer boa fumaça, estando o pé coberto e em roda com alguma roupa; e enquanto está tomando estes defumadouros, estará fervendo no fogo outra bosta com urina ou com água ardente, para fazer umas papas, que se porão em pano e na parte bem quentes (Ferreira, 2002, p. 577).

Para as corrupções de bicho recomendava banhos na região retal, utilizando água quente enriquecida com sal e o extrato de uma planta conhecida como erva-de-bicho, “que nasce e dá-se bem em terras úmidas e por perto da água”. Seguimos com os resfriamentos, que em casos graves o cirurgião recomendava:

[...] uns dentes-de-alho limpos, uma mão cheia de folhas de arruda, uma ou duas pencas de gengibre, um pedaço de banha de porco sem sal, ou com ele, e, em sua falta, sebo do rim, tudo muito bem pisado, cada coisa de per se, e depois de junto, se torne a pisar e se lance em tigela vidrada, ou tachinho limpo, e se cubra de água ardente da melhor que se puder achar, com a qual irá fervendo a fogo brando, mexendo-se, de modo que fique uma massa branda, que, metida em pano de linho ralo e forte, se esfregará todo o corpo, estando o medicamento quente, com força, estando o braseiro ou fogo perto do doente, com o resguardo do ar que fica referido (Ferreira, 2002, p. 655).

Concernente ao tratamento dos envenenamentos deve-se tomar a triaga magna¹³, desfeita em vinho (Ferreira, 2002, p. 667), como também pode-se tomar “grãos de raspaduras de unicórnio” em vinho. Ademais, indica a seguinte mezinha, “tomem vinte folhas de arruda, dois figos passados, a carne de uma noz e uma pedra de sal, tudo se misture com o vinho e se beba em jejum todos os dias” (Ferreira, 2002, p. 668). Enfim, são diversos, assim como em

outros achaques, os remédios, triagas e mezinhas recomendados pelo cirurgião. Agora para as mordeduras venenosas, sublinho aqui, o que nas palavras do autor, é a melhor triaga e único remédio na mordedura de cobra cascavel, “é o esterco humano desfeito em qualquer líquido e bebido na quantidade que a cada um lhe parecer” (Ferreira, 2002, p. 685), ingerido pela boca. Igualmente, a raiz de Ipecacuanha também é um excelente recurso para tratar envenenamentos.

Passando agora para as tratativas do escorbuto ou mal de Luanda, Ferreira indica o seguinte remédio:

Aguardente fina seis onças, unguento Egípcio duas oitavas; misture tudo muito bem. Com esse remédio ordenei tocasse as gengivas por dentro e por fora, molhando nele um pincel várias vezes ao dia; assim continuou com feliz sucesso, por que logo as gengivas se foram limpando e o mau cheiro se desvaneceu (Ferreira, 2002, p. 619).

Ele também destaca que as sangrias e vomitórios não eram necessárias aqui. Ele apresenta uma receita para um medicamento eficaz para essas chagas:

cozimento de raiz de chicória, grama, fragária, douradinha, mastruços e coqueária três libras, sendo as ervas verdes e sendo secas, fique o cozimento em libra e meia; confeição de diatártaro reformada e sal catártico, de cada um três oitavas, sal tártaro três oitavas, antimônio diaforético marcial e espírito de coqueária, de cada um duas oitavas, xarope de chicória de Nicolau com ruibarbo três onças, misture-se (Ferreira, 2002, p. 695).

Para concluirmos essa parte das curas, trago aqui algumas mezinhas realizadas pelo cirurgião para curar as IST 's – termo cunhado recentemente –, os cursos, algumas dores de barriga e cólicas e a gota serena. Começando pela boubá, Ferreira com sabedoria ímpar, prescreve, como medida inicial, a administração de pílulas de mercúrio sublimado e a aplicação de espírito de vitriolo nas áreas afetadas. Como complemento, sugere o uso de aguardente, urina ou água quente nas úlceras, enfatizando a necessidade de iniciar o tratamento imediatamente após o surgimento dos sinais das boubas. Já para as gonorreias, o cirurgião apenas acrescenta água com salsa cozida aos outros ingredientes já citados (Ferreira, 2002, p. 537). No que diz respeito aos cursos, eles poderiam ser curados com caldo de galinha, sumo de tanchagem, gemas de ovo, açúcar e, em suas palavras, “o único e certo remédio para curar os cursos” (Ferreira, 2002, p. 678), é a utilização da raiz de cipó ipecacuanha ou poalha ou pacacoalha¹⁴. Quanto a dores de barriga e cólicas, aconselha o uso de raiz de gengibre “mastigada e engolida seu suco ou também pisada e dada em água quente ou aguardente” (Ferreira, 2002, p. 364). E, para finalizar, a gota serena, muito difícil de ser curada, poderia ser tratada de diversas maneiras, como a utilização de “alecrim deixado ao sereno de duas ou três noites conservado

em um vidro destampado, onde se formará um licor, o qual se aplicado direto nos olhos produz bons efeitos” (Ferreira, 2002, p. 608), como também a ingestão de um saquinho de tafetá ou pano de linho cheio de folhas de alecrim e cozidos em aguardente aplicados sob os olhos do enfermo (Ferreira, 2002, p. 607).

Citei aqui algumas das inúmeras medicações, mezinhas, e curas desenvolvidas e atalhadas pelo cirurgião, porém, ressalto que Luís Gomes Ferreira prescreveu ainda mais curas para os males das Minas. E o que se pode concluir é que muitas dessas curas foram documentadas não necessariamente para o público português em geral, mas sim para a população mineira, com particular ênfase naqueles em situação de vulnerabilidade, especialmente os escravizados, que eram os mais suscetíveis e impactados pelas enfermidades. Estes indivíduos frequentemente não conseguiam acessar as boticas nem adquirir as medicações necessárias, devido às barreiras financeiras e geográficas que enfrentavam. Ademais, o que se observa com clareza nas Minas Gerais do século XVIII é a existência de um rico e complexo amálgama, onde se entrelaçavam, de forma dinâmica e frutífera, a vibrante cultura popular, o conhecimento científico da época e as práticas sociais vigentes. Essa confluência de saberes e costumes, qual um caleidoscópio em constante mutação, moldava a fisionomia cultural da região, tecendo uma tapeçaria singular e inesquecível.

Resultados

Relação completa das plantas e ervas citadas no *Erário Mineral*

Agárico – Agrimona – Almacéga – Altéia ou Malvaíscos – Alcarvia – Ameixa – Amora – Alfavaca – Abóbora – Alecrim – Aspargo – Açafraão – Aipo – Arruda – Artemísia – Assafétida – Alcaçuz – Argelim – Avenca – Anafega – Agraço – Almeirão – Alforvas – Árvore Espinhosa (Jurubeba) – Abútua – Alface – Arroz – Anterrhino (dente de leão) – Bardana – Borragem – Buglosada – Bicuíba – Bertônia Balaústia (Romã) – Beldroega – Bútua (abútua) – Bananeira – Belis do prado (ou Belides) – Batata de purga – Benjoim Canafístula – Colonquintias – Chá – Crocus (é açafraão, *Crocus sativus*, da Índia) – Canela – Carecus – Caparosa (Não é só a planta mais também o nome dado ao sulfato de zinco) – Coríndiúba – Cocleária – Chicórea (ou Almeirão) – Copafiba – Cevada – Camoezas – Cravo (da Índia) – Cúbeba – Coroa-de-rei – Capeba – Cidra – Carrapicho (v. picão) – Cebola – Cipó (de coração ou *Aristolochia cordigera* e milhomens) – cipreste. Drego (sangue-de-drago) – Domadinha – Douradinha – Diagrídio (?) Escorcioneira – Estoraque – Espora de cavaleiro – Escórdio Engus – Espina Cardis – Escabiosa

– Eufórbio – Espiricão – Erva-de-bicho Fragária (Morangueiro) – Fumo Bravo (tabaco = erva santa) – Funcho – Figueira – Gengibre – Galbano – Golfão – Gilbabeira – Grama – Guaiaco (Pau-Santo) – Gurubeba (jurubeba?) Hissopo – Heléboro – Hortelã – Hermodactiles – Horjevão (berbena) (verbena ou urgebão) – (H) ervas (Santa Maria, moura, do bicho, etc) Incenso – Inhaúma – Ipecacuanha Jalapa – Joá bravo – Jequirá – Jaburandi Limão – Laranjas bicas azedas – Linho (sementes) – Lírio Maná – Matapasto (Fedegoso – Cassia Bicapsularis) – malvaíscos – Maça – Meimendro – Mil-Homens- Mentrasto (Erva de São João) – Mentruz (Erva de Santa Maria) – Melancia – Mirra Napelo Olibano- Ourego (Orégano) – Opopanaco – Orelha – de onça – Persicária (Erva de Bicho) – Pragana – Paratudo – Pau – Santo – Pimpinela Picão – Poejo – Papoula – Pimenta Quina – quina Romã – Ruibarbo – Rabão (seria rabanete?) Salsa – Sassafras – Semen-contra (Artemísia judaica) – Sene – Sabugueiro – Sapé – Saramago – Sarapilheira – Sorveira – Solda – Semente de Alexandria (Mastrução) – tormentilha – Trincal – Tripojana – Trovisco – Termentina (terebintina) – Tepes – Taba Uvas Velame – Viola.

Considerações finais

A presente investigação buscou sublinhar a importância desse manual de medicina para a sociedade mineira da época que carecia de profissionais da saúde, quando falamos em profissionais de saúde nessa conjuntura, são aqueles que possuem um diploma na área (Abreu, 2018, p. 493 – 524), sendo de cirurgia ou medicina. Essa carência se deu, de maneira geral, por uma falta de interesse de atuar em colônias portuguesas, ainda mais em Minas Gerais que era uma região afastada o que auxiliava nos riscos que os indivíduos corriam ao cruzar o oceano e imensos territórios, outrossim, o Brasil não era o destino preferencial desses profissionais (Abreu, 2018, p. 500). Da mesma forma, uma das razões pelas quais havia uma certa carência de tratamento desses médicos em relação a população da colônia, sobretudo nas minas, se deu pelas disparidades sociais e culturais que marcaram essa sociedade, e dessa forma, o ingresso a medicamentos e aos médicos, regulamentados, se restringiu primordialmente aos homens brancos e de posses (Badinelli, 2014, p. 40). Um dos propósitos que impulsionou Luís Gomes Ferreira a compor o "*Erário Mineral*" foi o de atuar como um veículo de disseminação das suas valiosas experiências adquiridas na colônia, as quais, em grande medida, contribuíram para a cura das enfermidades prevalentes naquele contexto e ele diz que “tudo que escrevo é pela glória de Deus e para o proveito do próximo (Ferreira, 2002, p. 182). Ou seja, em uma era onde a carência de médicos grassava e a população se via entregue à própria sorte no combate às

doenças, surgiu um farol de esperança: a publicação de manuais médicos em linguagem acessível. Estes compêndios, qual bálsamo para os sofredores, munidos de conhecimentos práticos para o diagnóstico e tratamento de enfermidades, circulavam de boca em boca, propagando a sabedoria médica entre os leigos.

Em outras palavras, a profilaxia e o combate às enfermidades se configuraram como encargos reservados ao âmbito privado, mesmo que os problemas sociais e econômicos delas advindos ostentasse um impacto público de considerável magnitude. Com isso, concluímos que o *Erário Mineral*, pode ser considerado um meio pelo qual Gomes Ferreira interveio no espaço social, na tentativa de contribuir para o enfrentamento das suas anomalias patológicas. Mesmo que tais questões lhe parecessem exceder sua inteligência e vigor — como no caso de muitas enfermidades cujas causas eram desconhecidas ou precariamente compreendidas, resultando em numerosas vítimas —, ele ainda assim conseguiu lançar luz sobre essas causas de maneira mais elucidativa e desenvolver medicações eficazes para curá-las.

Uma das dificuldades que o cirurgião encontrou foi em relação a uma certa receptividade e adesão do público mineiro no que tange às criações de fórmulas complexas ou a descoberta de propriedades elementares. Sendo assim, a validação dos procedimentos de cura e a legitimação dos médicos como agentes eficazes eram fortalecidas pela experiência prática e pela utilização dos métodos por outros médicos ou pelos próprios colonos. (Viotti, 2012, p. 117). Tanto que “as novas receitas parecem ter despertado duas reações dos habitantes do Brasil: de um lado, curiosidade sobre as qualidades do que ouviam dizer, de outro, receio por serem jeitos de se tratar que não tinham ainda sido testados” (Viotti, 2012, p. 117). Contudo, é a partir dessas desconfianças e também certa curiosidade que serviram como oportunidades, junto a escassez de profissionais, desse cirurgião se firmar como um agente de cura capaz de auxiliar os enfermos, e curá-los de uma maneira eficaz e acessível. Porque, algo que é notório no trabalho de Gomes Ferreira, é sua assídua observação de seus casos, reconhecendo muitas vezes as causas que até então eram desconhecidas e desenvolvendo medicamentos eficazes para essas moléstias que assustavam os mineiros, e valorizando os ingredientes que essa terra provinha. Para ele, “não havia nada de exótico” nestes medicamentos, além de serem os únicos recursos possíveis à maioria da gente pobre.” (Souza, 2008, p. 288)

É justamente nesse ínterim que percebemos como o autor valorizava os saberes obtidos de maneira empírica, e valoriza o doente em si, ao invés de levar em consideração apenas as doenças, Gomes Ferreira examinava o organismo do enfermo. Isto é, observamos que “não cabia no período estudos sobre o *bicho*, por exemplo, mas, sim, sobre a incidência dele na população e de que maneira poderia ser combatido” (Viotti, 2018, p. 64), ele partia do doente

para entender as doenças em si e para analisar “de que forma um conjunto de indivíduos poderia ser massivamente tratado contra este ou aquele sintoma/doença” (Viotti, 2018, p. 64). Para este ilustre cirurgião, a arte da cura demandava um mergulho profundo nos meandros da enfermidade. Era mister desvendar os sinais que o corpo em sofrimento emitia, tecer conexões entre eles e os achaques que se manifestavam, e, com acuidade ímpar, examinar o doente em sua totalidade e suas particularidades para ter êxito na reabilitação. E uma das coisas que ele levava em conta, dentro desse sentido, era o cenário das Minas que já expomos aqui, como era o clima e a sanidade desse local que estava intrinsecamente atrelado ao panorama dos achaques que assolavam as Minas e de que forma o indivíduo sucumbia a elas.

Destarte, Ferreira deixou seu legado para a medicina, no contexto da época, em que, a luta contra enfermidades sempre foi considerada uma exigência imprescindível, despontou uma nova farmacopeia, nascida em solo brasileiro, como um fruto opulento da terra, ostentando o poder de aliviar os sofrimentos da humanidade. Elaborada em escala grandiosa, a partir de produtos nativos, essa obra prima da medicina se ergueu como um farol de esperança em um mundo assolado por diversos males à saúde. (Badinelli, 2014, p. 11). Como também, colaborou, junto a outros cirurgiões, no que diz respeito ao emprego de plantas medicinais, cuja utilização perdura até os dias atuais, tanto na medicina quanto na produção de fármacos. O *Erário Mineral*, obra pioneira em seu tempo, pode ser considerado o embrião de uma tradição médica que marcaria profundamente a vida social da colônia e, posteriormente, do Império. Essa tradição se concretizou, em grande medida, na ampla disseminação de manuais de medicina que eram acessíveis, tornando-se ferramentas valiosas para a população que buscava cuidar da própria saúde e de seus familiares. Os outros manuais que circularam mais efetivamente no século XIX, traziam formulários e receitas nos moldes da obra de Gomes Ferreira (Badinelli, 2014, p. 72).

O cirurgião pontua em sua obra que eles eram “obrigados a curar as doenças conforme a região e o clima onde nos achássemos, a razão nos ditasse e a experiência nos ensinasse” (Ferreira, 2002, p. 471), então, concluímos justamente que, a forma como Luís Gomes Ferreira atuou nessas Minas, compreendendo e divulgando os aspectos particulares que afetavam a saúde das pessoas que ali moravam, sendo o clima, os diferentes medicamentos, a alimentação, as relações sociais, e as diferentes doenças, se diferenciou de como ele atendia nos anos de aprendizado no Reino. E é aqui que o cirurgião buscou desenvolver um conhecimento empírico a partir da experiência cotidiana (Furtado, 2005, p. 94) com as curas que eram realizadas de forma que os profissionais da área deveriam se conduzir pela experiência e não apenas agarrar-

se a uma medicina pautada na tradição, já que “a experiência é a base fundamental da medicina e cirurgia.” (Ferreira, 2002, p. 227).

Em conjunto a isso, entra os pressupostos da prática da medicina hipocrática-galênica na qual ele se baseou para produzir as mezinhas utilizadas no tratamento dos males. Sendo assim, era incumbência desses profissionais presentes nas Minas integrar seu vasto conhecimento acadêmico e levar em conta as particularidades brasílicas ao selecionar seus métodos de intervenção nos corpos e nas enfermidades, visando o benefício de seus pacientes e o êxito em suas carreiras médicas (Viotti, 2020, p. 202). É por isso que Luís Gomes Ferreira vai justamente mobilizar os recursos aqui por ele encontrados para tratar as moléstias, juntando, algo que era necessário e inevitável, seu conhecimento erudito, vindo dos hospitais em Lisboa, e do saber empírico que era essencial para a atuação da medicina e da cirurgia nas Minas Gerais do século XVIII.

Fontes

FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira**; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. V. 1 e V. 2.

Referências Bibliográficas

ABREU, Laurinda. **A institucionalização do saber médico e suas implicações sobre a rede de curadores oficiais na América portuguesa**. Tempo, Niterói, Vol. 24 n. 3. set. - dez. 2018, p. 493-524.

BADINELLI, Isaac Facchini. **Reflexões sobre o uso de plantas medicinais no tratado Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira**. Belo Horizonte, Campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. 08 a 11 de outubro de 2014. ISBN: 978-85-62707-62-9.

_____. **Saúde e Doença no Brasil Colonial: Práticas de cura e uso de plantas medicinais no Tratado Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira (1735)**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso pela Universidade Federal de Santa Catarina.

DEAN, Warren. A botânica e a política imperial: A introdução e domesticação de plantas no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 216-218, 1991.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Sertões do Rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento – 1710-1733. In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira**; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. V. 1 e V. 2, p. 46.

EUGÊNIO, A.. Enfermidades da população escrava na obra *Erário Mineral* (1735) de Luís Gomes Ferreira. In: **XV Seminário de Economia Mineira**, 2012, Diamantina. Anais do XV Seminário de Economia Mineira. v. 1.

_____. Relatos de Luís Gomes Ferreira sobre a saúde dos escravos na obra *Erário mineral* (1735). **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, n.3, jul.-set. 2015, p.881- 897.

FURTADO, Júnia Ferreira. Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens. In: FERREIRA, Luís Gomes. ***Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira***; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. V. 1 e V. 2.

_____. Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial. **Revista Arquivo Público Mineiro**. Minas Gerais, v.41, jul./dez., 2005, p. 88-105.

GOMES, Gislane dos Santos. **Os registros de três cirurgiões sobre o tratamento dos corpos enfermos nas minas setecentistas**. 2022. Dissertação de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

GONÇALVES, Maria Filomena. Aspectos do Léxico Português e Brasileiro no Século XVIII: “Pesos e medidas” no *Erário Mineral* (1735), de Luís Gomes Ferreira. *Confluência* – **Revista do Instituto de Língua Portuguesa** (Rio de Janeiro), nº 43. pp. 47- 67. 2013sileira, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 4 a Edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília; 1963.

NOGUEIRA, André Luís Lima. **Saberes terapêuticos nas Minas Coloniais: Diálogos entre a medicina oficial e as curas não licenciadas (séc. XVIII)**. História UNISINOS. Jan/abril. 2014.

SOUZA, Rafael de Freitas e. **Medicina e fauna silvestre em Minas Gerais no Século XVIII**. *Varia História* – Belo Horizonte, v. 24, n.39, jan. - jun. 2008, p.273-291.

STUMPF, Roberta Giannubilo. **Minas contada em números – A capitania de Minas Gerais e as fontes demográficas (1776-1821)**. R. bras. Est. Pop., Belo Horizonte, v.34, n.3, p.529-548, set./dez. 2017.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. As medicinas das Minas Gerais a partir de três manuais setecentistas. *Khronos*, **Revista de História da Ciência** nº 9, junho 2020, p. 183-203.

_____. **As práticas e os saberes médicos no Brasil Colonial (1677 – 1808)**. São Paulo: Alameda, 2017.

ZEMELLA, Mafalda. **O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII**. São Paulo, 1951.

¹ Esse artigo é fruto de uma Iniciação Científica financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, cujo projeto carrega o mesmo nome deste trabalho.

³ Como consta no próprio *Erário Mineral*, a população escravizada em 1736 atingiu a cifra de 160 mil, enquanto, nesse mesmo ano, a população de homens brancos se configurou em 80 mil.

⁴ João Cardoso de Miranda foi um cirurgião português, nascido em 1726 em Freguesia de São Martinho de Cambres juntamente com a Cidade de Lamego. Ele transitou entre a Bahia de Todos os Santos e Minas Gerais, onde realizou diversos tratamentos aos enfermos, inclusive, foi ele que idealizou um remédio para o escorbuto.

Falecido no ano de 1773, Miranda escreveu obras importantíssimas, como *a Relação Cirúrgica, e médica, na qual se trata de um methodo para se cura a infecção escorbútica, ou mal de Luanda, e todos os seus produtos* (1747) e *Prodigiosa Lagoa descoberta nas congonghas das minas do Sabará, que tem curado a várias pessoas dos achaques, que nesta relação se expõe* (1749).

⁵ Diaforéticos são substâncias que induzem a sudorese, ou seja, aumentam a transpiração. Tradicionalmente usados para baixar a febre, ajudam a eliminar toxinas do corpo através do suor.

⁶ Condições inflamatórias que acometem diferentes partes do sistema respiratório. A pleura, membrana que reveste os pulmões e a cavidade torácica, é o foco da inflamação na pleurite. Na peripneumonia, o processo inflamatório se estende além da pleura, atingindo o pulmão subjacente.

⁷ Um composto químico formulado com antimonato de potássio e antimonila como componentes principais.

⁸ Sementes da planta *Senna alexandrina*, essa que é uma planta medicinal empregada como laxante natural e para aliviar a constipação. Ela era chamada de erva lombrigueira.

⁹ Grãos de Calomelanos referem-se ao calomelano em forma granular, que é o nome comum do cloreto de mercúrio. Foi amplamente usado como laxante e purgante, mas também no tratamento de sífilis.

¹⁰ *Artemisia* ou *artemija* é um gênero de plantas que inclui diversas espécies conhecidas por suas propriedades medicinais.

¹¹ É uma espécie de xarope de mel preparado e cozido com vinagre, sendo duas partes de vinagre e a terceira de mel. Utilizada, por exemplo, para problemas digestivos, obstruções e combate a infecções.

¹² Pós de bisma refere-se a compostos à base de bismuto (metal pesado, mas relativamente não tóxico); Sangue-de-Dragão é uma resina vermelha extraída de várias espécies de árvores, como a do gênero *Dracaena*; Almécega também é uma resina, aqui aromática obtida da árvore *Pistacia Lentiscus*.

¹³ A Triaga Magna era uma fórmula complexa, composta por diversos ingredientes, que podiam incluir até 64 substâncias, sendo de origem vegetal, animal e mineral, como ópio, mirra, carne de víbora, açafraão, incenso e diversas especiarias e ervas.

¹⁴ São raízes que fazem parte da planta guaraná (*Paulinia cupana*).